

FABULAÇÕES DO LUGAR: a criação de mundos na geografia escolar

FABULATIONS OF THE PLACE: the creation of worlds in school geography

FABULACIONES DEL LUGAR: la creación de mundos en la geografía escolar

RESUMO

Esta pesquisa se forja em um exercício de fabulações com/no campo do currículo na pesquisa em educação em geografia. Propõe-se compreender como, em tentativas de entregas ao contingencial e ao mundo em sua absurdidade, a fabulação de lugares potencializa a criação de mundos na geografia escolar, não se fechando em uma resposta, mas abrindo-se para multiplicidade dos corpos no lugar. Como cenário, aposta-se na composição de fabulações de uma Cartografia Profana realizada com estudantes do oitavo ano de uma escola estadual, localizada no Centro Histórico de Salvador – BA e/com intersecções ficcionais do corpo-pesquisador. O texto foi tecido a partir de cinco correspondências por e-mail – onde se encontram diluídos o referencial teórico, a metodologia e os resultados – enviadas para um personagem conceitual deleuziano, o Nômade. Vislumbra-se, assim, a fabulação no campo da educação em geografia como uma forma de criação, em um novo real, que fazem crer em modos de existência outros.

Palavras-chave: Geografia Escolar; Currículo; Fabulação; Nômade; Lugar.

ABSTRACT

This research is forged in an exercise of fables with/in the field of curriculum in research on education in geography. It is proposed to understand how, in attempts to surrender to the contingent and to the world in its absurdity, the fabulation of places potentiates the creation of worlds in school geography, not closing itself in a response, but opening itself to the multiplicity of bodies in the place. As a scenario, the bet is on the composition of fables of a Profane Cartography carried out with eighth grade students of a state school, located in the Historic Center of Salvador - BA and/with fictional intercessions of the body-researcher. The text was woven from five correspondences by e-mail – where the theoretical framework, methodology and results are diluted – sent to a Deleuzian conceptual character, the Nomad. Thus, fabulation in the field of education in geography is seen as a form of creation, in a new reality, which makes one believe in other modes of existence.

Keywords: School Geography; Curriculum; Fabulation; Nomadic; Place.

RESUMEN

Esta investigación se fragua en un ejercicio de fábulas con/en el campo del currículo en la investigación sobre educación en geografía. Se propone comprender cómo, en un intento de entrega a lo contingente y al mundo en su absurdo, la fabulación de los lugares potencia la creación de mundos en la geografía escolar, no cerrándose en una respuesta, sino abriéndose a la multiplicidad de los cuerpos. en el lugar. Como escenario, la apuesta está en la composición de fábulas de una Cartografía Profana realizada con estudiantes de octavo grado de una escuela estatal, ubicada en el Centro Histórico de Salvador - BA y/con intercesiones ficcionales del cuerpo-investigador. El texto se tejió a partir de cinco correspondencias por correo electrónico -donde se diluyen el marco teórico, la metodología y los resultados- enviadas a un personaje conceptual deleuziano, el Nómada. Así, la fabulación en el campo de la educación en geografía es vista como una forma de creación, en una nueva realidad, que hace creer en otros modos de existencia.

Palabras Clave: Geografía Escolar; Currículo; Fabulación; Nómada; Lugar.

 Vitor Marques^a

^a Universidade Federal Da Bahia (UFBA),
Salvador, BA, Brasil

DOI: 10.12957/geouerj.2023.77765

Correspondência:
vitormarques.geo@outlook.com

Recebido em: 15 jul. 2023
Revisado em: 06 out. 2023
Aceito em: 10 nov. 2023



PRELÚDIO

As linhas errantes que se seguem, demonstração parcial de uma pesquisa no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, são tecidas a partir de fabulações da experiência de uma *Cartografia Profana* (MARQUES e CARVALHO, 2022) realizada com estudantes do oitavo ano de uma escola estadual, localizada no Centro Histórico de Salvador – BA e/com intersecções ficcionais do corpo-pesquisador.

No entanto, a demonstração apresentada aqui, não é um recorte aleatório da referida pesquisa. Eis uma composição que, numa condição formativa, interessa-se em seguir rastros de conhecimentos outros em experimentos com o pensar, para campos outros de problematização que se fizeram em inspiração filosófica das noções de fabulação em Deleuze (2018; 2013), das proposições de espaço aberto em Massey (2008), das articulações da teoria curricular de Lopes e Macedo (2011) e das formulações dos campos do Currículo e da Educação em Geografia de Costa (2021; 2020; 2019). A partir dessas referências se partiu em digressões de que os aprenderes do lugar na Geografia Escolar possam se deslocar menos por promessas redentoras e se engaje mais em criações imanentes. Mas... “qual é, então, a saída sutil?” (DELEUZE, 2018, p. 249).

Acreditar, não mais em outro mundo, mas na vinculação do homem e do mundo, no amor ou na vida, acreditar nisso como no impossível, no impensável, que, no entanto, só pode ser pensado: “um pouco de possível, senão eu sufoco”. E nessa crença que faz do impensado a potência distintiva do pensamento, por absurdo, em virtude do absurdo. (DELEUZE, 2018, p. 249).

Essa *saída sutil* encorajou os corpos desta pesquisa a apostar na potência fabulatória na Geografia Escolar que traduz lugares que, como quaisquer outros, são mundos. Em tentativas de entregas ao contingencial, ao mundo em sua absurdidade, buscando extrair forças capazes de potencializar a criação de sentidos outros dos lugares. Seguindo esses rastros inter-corre a pergunta: **o que pode uma experiência fabulatória do lugar no cotidiano de uma Geografia Escolar?** As próximas seções tentarão imiscuir essa problemática a partir de correspondências por e-mail – onde se encontram diluídos o referencial teórico, a metodologia e os resultados – enviadas para um personagem conceitual deleuziano, o Nômade. Inspira-se em Seemann (2013) que usou técnicas da escrita de correspondências por e-mail para uma amiga fictícia para apresentar as suas reflexões em um artigo.



Primeiro e-mail, em um dia qualquer

De: nomade@fabulacao.com

Para: Você

Assunto: Eterno Retorno

Autor, quais são teus nômades de hoje? A pedra que joguei na tua janela no dia que te conheci retorna eternamente na tua casa ou já não vai de um ponto a outro e será recolhida num ponto qualquer, para ser relançada a um ponto qualquer?¹

Re: Eterno Retorno

Para: nomade@fabulacao.com

Olá, Nômade.

Já perdi as contas de quantas vezes iniciei esse e-mail para te responder. Sonhei com você de novo e não sei o que te dizer exatamente, você vagueou no meu adormecer com uma força que fluiu no espaço aberto e liso do meu sonho. Que saudades de tudo que não vivemos. Como estão as coisas por aí? Por aqui, calores que dão arrepio, orgasmos fingidos, e muita, muita dor de cabeça. Estou perdido em acertos os quais escolhi aleatoriamente.

No sonho você me apareceu como o demônio nietzschiano e disse: “Esta vida, assim como tu a vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo [...] tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar” (NIETZSCHE, 2012, p. 205). Mesmo que soando como uma maldição pavorosa, aquilo me pareceu uma potência para criação. Você desapareceu sem que eu pudesse dizer: “Tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!” (ibidem).

¹ Deleuze; Guattari 1997, p. 47.



O pensamento do eterno retorno de tudo tomou potência sobre mim². “Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?” (ibidem). Não importa se isso é verdade ou não, né? Já que a vida é criação, fabularei os momentos da melhor forma que puder, de forma que eu deseje revivê-los, em seus eternos retornos. Você, Nômade, se espalhou por aqui como potência de afirmação, se distribuiu no ato fabulante de colocar-se no mundo. E minha pesquisa, contaminada pelo seu movimento, contagia-se e se prolifera, em digressão a compreender os *lugares* e as *localidades*³ a partir de fabulações nômade.

Interessa-me principalmente os traços espaciais nômade, como movimento de uma singularidade que se dá pela diferença e repetição, compondo um trabalho que intersecciona e-mails para você – Nômade, personagem conceitual – e a experimentação de uma Cartografia Profana no Centro Histórico de Salvador para compor essa investigação. Admitindo, nessa cartografia, o mapa como uma dimensão aberta, produto da compreensão e interpretação das experiências espaciais e sua interação semiótica, observados a partir dos acontecimentos forjados por negociações espaciais diversas, expressos na dinâmica relacional de cada mapeador e suas fabulações espaciais (MARQUES e CARVALHO, 2022). E a partir dessas experimentações, deslizar na composição de uma imaginação curricular espacial aberta ao devir e conflituosa pela presença da multiplicidade (MASSEY, 2008).

Acenando para os traçados de Massey (2000), busco pensar sobre os sentidos globais dos lugares, propondo uma análise espacial que, numa errância nômade, tenta dimensionar o lugar não como um conceito pré-definido, considerando que “o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais que se encontram e se entrelaçam [...]” (MASSEY, 2000, p. 184), onde o mundo acontece em sua dinâmica e singularidade. Se cada lugar é um mundo, sigo apostando que talvez uma linha de fuga para o desejo nômade de mundos outros aconteça pela fabulação.

A fabulação é função do corpo, a qual não se pode prescindir. Deleuze (2012), profanando a função fabuladora forjada por Bergson, engendra uma tradução com modulações políticas, que nos possibilita inventar um povo. “Precisamente não é um povo chamado a dominar o mundo. É um povo menor, eternamente menor, tomado num devir revolucionário” (DELEUZE, 2015, p. 15). Aqui os corpos mapeadores cartografaram fabulações espaciais em per-cursos de errância, desconstruindo certezas e incertezas em um

² Pensamento que mobilizou parte da minha pesquisa de mestrado e resultou em dois trabalhos: 1. Artigo: Jogo-Formação do Eterno Retorno (MARQUES e CARVALHO, 2023); 2. Resumo Expandido aprovado para 41ª Reunião Nacional da ANPED.

³ A lugarização nem sempre ocorre em relação ao entorno próximo, porque lugar nunca pode ser compreendido apenas como sinônimo de esfera próxima, como “local” (SERPA, 2020, p. 5). O lugar não é essencialmente local, e isso não quer dizer que o lugar não seja vivido ou sem traços de subjetividade.



espaço aberto e, portanto, inacabado, traduzindo os contornos da cidade em indiscerníveis ficções e realidades.

Quiçá nesse *vapor barato* de uma escola e um país em reconstrução – aliás quando não estiveram, país e escola, em reconstrução, né? – possamos intervir minoritariamente, numa rede na qual não se repete o mesmo, repete-se diferenças que inauguram devires.

Em breve te mando algumas contaminações da pesquisa.

Abraços geográficos.

Segundo e-mail, em um dia qualquer

De: nomade@fabulacao.com

Para: Você

Assunto: fabulações curriculares entorno do pensamento geográfico

Existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade. O que pode a potência nômade na fabulação curricular? Talvez, navegar não seja preciso.

Re: fabulações curriculares entorno do pensamento geográfico

Para: nomade@fabulacao.com

Nômade,

Na onda da tua mensagem, pensei em você em diversos momentos do dia. O café derramou no fogão, tinha alguém cantando longe, o mar bateu no meu peito, o relógio francês do centro sumiu, qual será meu ponto de referência agora? No busu voltando pra casa, uma pedra no sapato me futuca para indagar: o que é realidade? Que onda...



existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade, e mesmo historicamente os nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes; ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos. Sabe-se bem que o problema revolucionário, hoje, é o de encontrar uma unidade das lutas pontuais sem recair na organização despótica e burocrática do partido ou do aparelho de Estado, uma unidade nômade em relação com o Fora, que não reproduzisse a unidade despótica interna. (DELEUZE, 2006, p. 327- 328).

Venho sacando que se *o currículo não existe como objeto da realidade* (LOPES, CUNHA e COSTA, 2013), ele acontece a partir de traduções e interações diferenciais que se abrem para potência nômade capaz desestabilizar sedentarismos curriculares. Lopes e Macedo (2011) argumentam que o currículo é, ele mesmo, *uma prática discursiva*. Nesta pesquisa, isso implica que, para além de uma prática de poder, o currículo é uma prática de significação, que pode ser fabulado na prática da significação, de atribuição de sentidos outros. Segundo as autoras, “trata-se, portanto, de um discurso produzido na intersecção entre diferentes discursos sociais e culturais que, ao mesmo tempo, reitera sentidos postos por tais discursos e os recria.” (LOPES e MACEDO, 2011 p. 41).

Nessa discussão, nos campos do Currículo e da Educação em Geografia, Costa (2019) defende pensar o currículo como lugar de produção cultural, prática discursiva contingencial e indefinida, sem que se faça distinção entre as dimensões formal e vivida. Costa acena para formulações de Macedo (2006) que propõe o currículo como um *espaço-tempo* de fronteira entre saberes, como lugar de enunciação, visto como um híbrido em que as culturas impuras passam a negociar com a diferença, implicando em

[...] ler a fronteira, não como divisão de territórios fixos, delimitados, em que os ali chegados possuem uma origem, vêm de um lugar o qual representam, e que lhes adjetiva. Neste espaço-tempo fronteiriço, todos se produzem e são (d)ali. Naquele espaço-tempo de fronteira, se identificam, são subjetivados e, de modo irresistível, articulam suas estórias (MASSEY, 2008). Se são híbridos, logo impuros, não vêm de lugar algum, mas via interação cultural/discursiva/textual estão em constante processo de identificação, se constituindo como sujeitos na luta política (LACLAU, 2006). Se não vem de lugar algum, só se pode ser da própria fronteira que, desta forma, passa a ser um lugar que nunca é o mesmo, na medida em que deixa de ser em função do próprio movimento de subjetivação e significação da e na própria fronteira. (COSTA, 2019, p. 31).

Costa aborda essas preocupações capturadas na obra de Massey (2008), e encontra em sua perspectiva espacial, uma potência para a interpretação do currículo como uma produção discursiva. Costa e Rodrigues (2022), apostam numa leitura de lugar como um espaço de negociação do “por vir” que se constitui por meio de umas múltiplas de práticas de negociação e contestação contínuas na relação com a alteridade, através das quais as identidades são também moldadas, em vez de ser uma forma de apropriação fixa, ligada a uma história de vida linearmente construída.



Doreen Massey (2008) chama a atenção para as formulações tendencialmente conservadoras ao conceito de lugar – aqui, aponto as de Tuan (1983), que considera que o *lugar é mais concreto que espaço e que é fechado, íntimo e humanizado* – em tempos de globalização e critica concepções de evolução unidirecional da história, as quais apresentam uma tentativa de fechamento político dos lugares, com um fim traçado de antemão. O lugar para Massey não é entendido como normalmente se encontra nos discursos contrários à globalização, como uma vítima permanente de processos globais. Ao tempo que o mundo globaliza os lugares se mundializam forjando noções de espaço menos cartesianas.

Sabendo que o mundo está em constante movimento, que nada no lugar é fixo, ele (o mundo) não é um absoluto que define irremediavelmente os lugares, nem tampouco aquilo que está fora, além. A partir de torções de Gilles Deleuze (2018) em seus estudos sobre cinema e literatura, a fabulação é explorada como uma oportunidade para uma escrita criativa em sintonia com as forças da variação e da diferença. Enquanto a diferença toma os movimentos como precários e provisórios, a identidade constrói um recorte pretensamente estável, tentando afastar o movimento de diferenciação. Assim, defende-se a constante produção de diferença relacional com o espaço, em novas temporalidades, uma encenação de políticas incontroláveis, frente às tentativas hegemônicas de sentido, como esfera da possibilidade da multiplicidade na qual distintas trajetórias coexistem. A filosofia da diferença configura um plano imanente que tensiona produção relacional com espaço entre diferença e repetição, para borrar, rasgar e remendar as estruturas.

O caráter eventual e instável do lugar, a compreensão de um social desprovido de fundamentos fixos e a concepção da diferença, apontam para a impossibilidade de alcançar uma verdade absoluta. Essas percepções corroem constantemente a noção de certezas, contestando o apriorismo e a rigidez das dominações estabelecidas. Traduzindo o lugar “[...] como [uma] dimensão de trajetórias múltiplas, uma simultaneidade de estórias-até-agora” (MASSEY, 2008, p. 49). Fabulamos o Centro Histórico de Salvador não como uma mera superfície produzida sobre a qual tais estórias acontecem, mas, como sendo produção dessas estórias que se cruzam, se contaminam, se atravessam num aqui-agora, “emaranhamentos, a reunião de diferentes [estórias] muitas delas sem qualquer ligação anterior com as outras.” (MASSEY, 2017. p.39)

Arrisca-se a experimentar essa geografia fabulada. Uma fábula que incorpora as contingências de um caminhar na escola como construção irregular de sentidos, frente a tentativas de fixação e imposição de uma base comum. Lopes (2010) nos ajuda a pensar que a sociedade, como um todo estruturado e fixo, não exista, isso faz com que identidades fixas sejam impossíveis, pois estas não fecham a significação da política de uma vez por todas na escola. Ao fabularmos, portanto, buscamos intensificar a nossa vida ali nos lugares, sem recorrer, necessariamente, a transcendências (DELEUZE; GUATTARI, 1992).



O que é preciso é pegar alguém que esteja 'fabulando', em 'flagrante delito de fabular'. Então se forma, a dois ou em vários, um discurso de minoria. Reencontramos aqui a função da fabulação bergsoniana... Pegar as pessoas em flagrante delito de fabular é captar o movimento de constituição de um povo. Os povos não preexistem. (DELEUZE, 2013, p. 161).

Trama-se essa pesquisa que é em si um delito. É um delito te amar, é um delito profanador dos canônicos e contados caracteres deste trabalho, é um delito admitir a fabulação na Geografia Escolar como potência. A fabulação se dá em ato, práticas cotidianas (CERTEAU, 2014). Eis o delito de criar sentidos e resistir criando mundos, fabulando lugares reais, nos quais os *povos não preexistem*, pois os mesmos não têm identidades únicas e fixas.

Terceiro e-mail, em um dia qualquer

De: nomade@fabulacao.com

Para: Você

Assunto: Nomos na polis?

Mas que sou? Que está a chamar de Nômade? Que tal um xadrez comigo?

Re: Nomos na polis?

Para: nomade@fabulacao.com

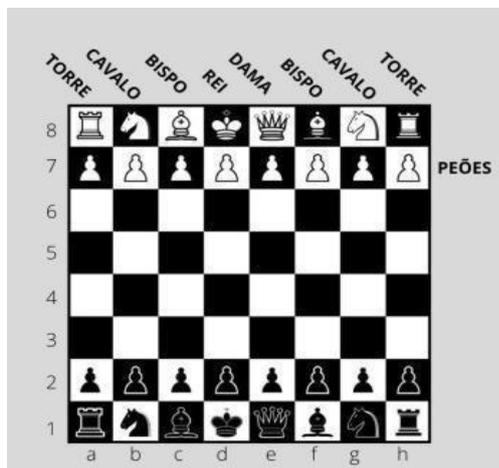
Nômade,

Seguindo rastros do seu eterno retorno, no platô *Tratado de nomadologia: a máquina de guerra*, Deleuze e Guattari (1997) compõem a diferença entre nômade e sedentário: espaço liso dos nômades (deserto, estepe, mar) e espaço estriado dos sedentários (cidades). O Nômade é alguém cuja força crescente se desenvolve em um espaço aberto e liso no qual recua da floresta e cresce no deserto. Eis o nomadismo do go (jogo chinês), diferente do sedentarismo xadrez. **Admitindo que liso e estriado são espaços de passagens**



de um a outro, com modulações de um no outro: traduções alternâncias, superposições, reversões e conversões.

Figura 1: Xadrez



Fonte: significados.com.br

Como formulam Deleuze e Guattari (idem) o xadrez é a *polis*, e go é o *nomos*:

- a) No jogo de xadrez (figura 1), existem regras internas que governam as peças. Cada peça possui um conjunto específico de movimentos possíveis e é identificada por seu papel pretensamente único no jogo: o cavaleiro é comumente um cavaleiro, o peão é comumente um peão, o bispo é comumente um bispo, e assim por diante. Cada peça busca ocupar o máximo de casas possível com o menor número de movimentos. O xadrez pode ser considerado uma forma de guerra, mas é uma guerra institucionalizada e regulamentada. Espaço traduzido como tentativa de ser fechado, onde se estabelece uma estrutura de Estado, uma espécie de guerra codificada.

Figura 2: Jogo Go



Fonte: www.bbc.com



- b) No go (figura 2), as peças são grãos ou pastilhas, simples unidades aritméticas, cuja função é anônima e coletiva, que não deixa de se aproximar da noção de lugar sem identidade fixa. A peça avança aberta a possibilidade de fabulações, pode ser um homem, uma mulher, uma pulga, qualquer coisa. Ordenações aritméticas em relação às posições que ocupam, com valores equânimes, e as ações são realizadas por outras pessoas (quem as move). Aqui, o movimento já não vai de um ponto a outro, mas torna-se perpétuo, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada. O espaço é traduzido como potencialmente aberto, numa guerra sem tantos limites de batalha assim.

Tais formulações nos desafiam a compreender o lugar e as localidades como uma multiplicidade em constante transformação, sempre condicionado ao incontrolável, como na potência do jogo de go. Cada movimento das peças nesse jogo expressa um processo de territorialização e desterritorialização do espaço, porém sem nunca alcançar uma codificação completa, uma vez que essa codificação é inexistente. Assim como no jogo go, o lugar se revela como um campo de possibilidades em constante movimento. Ele é moldado por interações complexas entre elementos, agentes e suas relações. Cada ação, assim como cada lance das peças no jogo, reconfigura e redefine o espaço, desestabilizando qualquer noção fixa ou totalizante, não como coisa fechada, com identidade essencial, escapando das concepções do 'global' como sempre 'acima', 'exterior', em algum outro lugar (MASSEY, 2008, p. 97).

Na tentativa de fissurar a suposta linha binária – embora eu vacile algumas vezes – entre liso e estriado, nomos e pólis, xadrez e go, aqui a tentação é modular numa *disjunção inclusiva*, onde as diferenciações não implicam necessariamente em oposições, quero dizer, o lugar como liso e estriado, onde mesmo as distâncias são positivas, ao mesmo tempo em que as disjunções são inclusas. Aqui a conjunção e fissura a suposta linha binária e compõe alternativas: *esse e aquele*, nomos e pólis, liso e estriado, xadrez e go, e... e... e... Cada opção é uma possibilidade, espaço liso e estriado, fabulados, constantemente se convertendo e revertendo um no outro. Reconhecendo, notadamente, a potência do alisamento nômade. Do xadrez pode-se fabular tanta coisa. Imagina mudar as peças, ser um animal, fabular que o bispo é um camelô... Aceito seu convite para jogar, Nômade!

Nesse jogo, um desejo maquinado em aposta no campo da Geografia Escolar para traçar formas outras de pensar o lugar a partir de atravessamentos possíveis nas dinâmicas precárias das relações que os compõem: Em vez de *nomos conta polis*, propõe-se fabulações espaciais de *nomos e polis*. O que engendrou uma experiência com estudantes do/no Centro Histórico de Salvador, numa tentativa errante pela cidade, espaço estriado por excelência, de “alisar” esse espaço desestabilizando sentidos que se pretendem dominantes, operando com a fabulação, que está ligada intrinsecamente à produção de diferença e agenciada como intercessora na minha pesquisa.



Presumo, então, que os espaços diferenciados, lisos e estriados, não são dicotômicos nem dialéticos, mas co-produtivos em uma *disjunção inclusiva*. Conforme sugerido por Deleuze e Guattari (1997), mesmo não tendo a mesma natureza, entre liso e estriado, em certos momentos, podemos estabelecer uma simples oposição entre os dois tipos de espaço. Em outros momentos, devemos indicar uma diferença muito mais complexa, na qual os termos das oposições consideradas não coincidem completamente. Em outras ocasiões, **devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato por meio de suas misturas**: o espaço liso está constantemente sendo traduzido, transvertido em um espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 192).

Partindo abordagem de Deleuze e Guattari, a pesquisa aborda as fabulações operando por desarticulação, e não abandono dos contornos sedentários urbanos, enquanto, em um ato de roubo criativo, re-cria os termos "espaço luminoso" – associados à lógica do sistema dominante – e "espaço opaco" – os marginalizados e menos sistêmicos – do repertório de Milton Santos (2017), em um *continuum* que é fabulado e expresso nos trajetos e devires do *lugar*.

Acenando para as formulações de Jacques (2013), em torno de aproximações das noções de *espaços luminosos* e *opacos* de Milton Santos (2017) e *espaços estriados* e *lisos* de Deleuze e Guattari (2012), contamina-se com essas ideias, para fabular os lugares num jogo que espaços luminosos (estriados) e opacos (lisos) estão constantemente se convertendo e revertendo um no outro. Jacques explica que Milton Santos atribuiu o termo "espaços opacos" a esses espaços indeterminados, caracterizando-os como menos sistêmicos, espaços mais abertos a potencialidade das fabulações, onde se concentram as forças do devir, da criação, em contraste com os "espaços luminosos", que são pretensamente espaços fechados de exatidão e mais adaptados à reprodução da lógica do sistema dominante. Essa diferenciação entre espaço opaco e espaço luminoso pode acenar ao conceito de Deleuze e Guattari de "espaço estriado" e "espaço liso".

Essa abordagem nos convida a perambular no espaço como nômades, herdeiros de Caim e Abel, agricultor e pastor, sedentário e nômade. Após matar seu irmão, Caim passa da condição de lavrador sedentário para o errante nômade, castigo insolvente imposto por Deus. Castigo esse que não deixa de se aproximar de outro caso bíblico: A Torre de Babel. Derrida (2006) argumenta que "Babel" como nome próprio, se des-edifica pela confusão das línguas. A tradução torna-se dever e dívida, uma dívida que não se pode mais quitar. O nome *Babel*, ao mesmo tempo que se traduz, não traduz. Deus impõe uma dívida insolúvel com a confusão das línguas e uma impossibilidade de restituição plena. O fazer babélico consiste simultaneamente na significação e na intraduzibilidade.



Eis, aqui, envoltimentos constitutivos de dívidas insolventes ao nômade e ao tradutor que se abrem, nesta pesquisa, para a possibilidades criativas e múltiplas formas de fabulação do espaço. Considerando as fabulações espaciais nômades como uma forma de traduzir o lugar, para pensar na diversidade de possibilidades políticas que emergem nesse contexto da Geografia Escolar. Essas possibilidades políticas criam uma multiplicidade de usos⁴ do lugar, que nem sempre estão vinculados exclusivamente à lógica do sistema dominante (luminosa), seja para afirmá-la ou negá-la. Assim, no contexto mesmo de uma educação moderna pensada como um bem público, pretensamente universal, surgem e vazam práticas menores, desencadeando diferenças.

Abraços geográficos. Ansioso para escrever o próximo e-mail relatando experiência realizada com estudantes de uma escola pública perambulando pelo Centro Histórico de Salvador. Me escreva, Nômade, uma carta gigante para eu plagiar uns pedaços quando for escrever minha tese.

Quarto e-mail, em um dia qualquer

De: nomade@fabulacao.com

Para: Você

Assunto: A experiência fabulatória

O que pode uma ciência vaga, no sentido de vagabunda – *nem inexata como as coisas sensíveis, nem exata como as essências ideais, porém anexata e, contudo, rigorosa[?]* O círculo é uma essência fixa ideal, orgânica, mas o redondo é uma essência vaga e fluente que se distingue ao mesmo tempo do círculo e das coisas arredondadas (um vaso, uma roda, o sol...).⁵

Re: A experiência fabulatória

Para: nomade@fabulacao.com

⁴ Consideramos aqui, os corpos-mapeadores desta experiência mais *usadores*, e menos *usuários* do lugar. A ideia borrada de distinção entre *usadores* e *usuários* que se coloca aqui é deslocada dos estudos de Henri Lefebvre sobre reprodução do espaço urbano. De modo que para o *usuário*, na produção espacial, o valor de uso cede cada vez mais lugar ao valor de troca. Enquanto para o *usador* estão mais tensionadas as relações que implicam fluxos de sentidos ligados ao lugar.

⁵ DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 33).



Nômade,

Não disse que voltaria para contar da errância?

Aqui uma experiência, dentre tantas outras que aqui e acolá se proliferam, fugazes, aparecem e desaparecem, desconstruindo cotidianamente as totalidades hipotéticas, as pretensas verdades essenciais do espaço. *Espaço/lugar* que é em si nômade, pelo seu caráter eventual (Doel, 1999), sua incorporação da efemeridade e contingência, dimensão aberta ao devir, produto do encontro indeterminado de múltiplas trajetórias (Massey, 2008) que a cada instante deixa de ser, tornando-se outro. Esse nomadismo, possibilitou no fervor das apropriações do espaço, nos contornos do urbanismo rachados de devir, no percorrer das ruas, entre dobras estruturais e atravessamentos de ordem menor, tecer uma aliança com a fabulação, aqui tomada em sua dimensão política e estética de exercício de criação que permite forjar múltiplas práticas em conexão com os devires menores do espaço.

Neste e-mail, o relato de uma pesquisa, produto de pensares e querereres das experiências com estudos e práticas, embasada por uma tradução, hibridação, descolamentos engendrados a partir de saberes nômades fabulados – capturados e ao mesmo tempo vazados, pois criam suas linhas de fuga em ebulição que seguem irreversivelmente no movimento da desterritorialização, linhas que impossibilitam que as subjetividades do lugar se tornem cristalizadas e estagnadas. Incansáveis acontecimentos que borram as tentativas de linhas duras, já que os territórios comportam dentro de si vetores de desterritorialização e de reterritorialização. E operar esses vetores, é operar linhas de fuga.

A pesquisa foi atravessada pelas contingências da Pandemia do Covid-19, nos meses de maio e abril de 2021, onde eu, um corpo-pesquisador, com querereres de tecer fabulações no Centro Histórico de Salvador, que naquele momento tinha seus becos e ladeiras menos movimentados e as escolas sem aula, procurei uma escola estadual do bairro, para apresentar e propor um projeto a ser realizado, o qual foi aceito pela direção desde de que se cumprisse todos os cuidados e exigências do Ministério Saúde considerando o momento excepcional da pandemia.

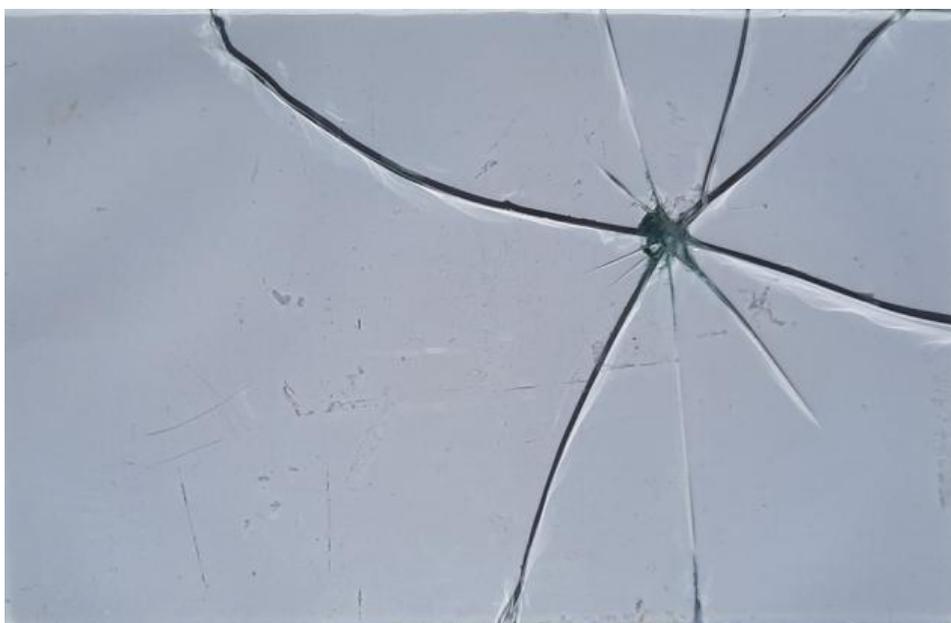
No acontecer da pesquisa, abriu-se a escola para a experiência. A direção selecionou oito estudantes do oitavo ano e os convidou para comparecer à instituição, obedecendo o distanciamento social e as medidas sanitárias. Ali, pesquisador e estudantes (mapeadores), na aventura do mapear, golpeiam placas de vidros sobrepostos no mapa do Centro Histórico de Salvador, BA – inspirados em *Buenos Aires Tour* de Jorge Macchi (2003). Os vidros trincaram, formando encruzilhadas a partir das rachaduras. Diante desse acontecimento



incontrolável, traça-se as rachaduras no mapa do Centro Histórico de Salvador e percorrem esses trajetos nômades (figuras 3), apresentados como linhas de fuga, fotografando-os, atentos aos estímulos que pudemos sentir, como parte do processo de mapeamento do lugar, tendo o mapa como uma dimensão aberta, sempre recriado a partir das experiências espaciais e sua interação semiótica.

a) placa de vidro golpeada pelo estudante

Figura 3: Mapeamento⁶



Fonte: Arquivo da pesquisa.

b) mapeamento tramado pelas rachaduras do vidro sobreposto ao mapa do Centro Histórico de Salvador

⁶ Esse é um dos oito mapeamentos desta Cartografia Profana (MARQUES e CARVALHO, 2022) do Centro Histórico de Salvador.

Figura 4: Mapeamento



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Quem lê/mapeia está convidado a [clique aqui](#), para acessar uma página com todas as fotografias do mapeamento.

A cocada do ambulante, o mototáxi na esquina, a bituca de cigarro no chão, os pingos de chuva na construção, os quadros na calçada, a música que veio de repente, o muro pichado, a rua em que não pôde entrar, a marca de tiro na parede, as badaladas do sino da igreja, o cone na esquina, a fonte da praça desligada, e lá vou eu / iôïôïôïôïô / lálálálálá / e lá vou eu.

Mapeadores e um mapa, como todos os outros, abertos a mapeamentos. Tendo o acaso como guia e incorporando as contingências, percorrendo a encruzilhada inventiva ao invés de caminhos demarcadamente reconhecidos e convencionais, em experimentações nômades e formações sedentárias, as alternâncias e sobreposições entre as operações de alisamento e estriagem (DELEUZE e GUATTARI, 1997), profanando os caminhos oficiais(?) da cidade, os mapeamentos foram acontecendo no *continuum* entre produzir e ser produzido; fabulações em desprendimento de estruturas fixas e linhas de fuga rebatidas pela maquinaria normativa do urbano.

Em Marques e Carvalho (2022), discuti como Massey (2008) chama a atenção para como Derrida reconhece o potencial generativo diferencial do *espaço/espacialização*, ao conjectura-lo como *texto*. Operando com o desconstrucionismo derridiano, o mapa é visto como um tecido, uma composição múltipla



por muitos fios. Derrida coloca que “mesmo que não haja um discurso, o efeito da espacialização já implica uma textualização” (DERRIDA, 1994, p.15). Sendo assim, o mundo é como um *texto* (MASSEY, 2008, p.83), que está aí para ser traduzido e fabulado.

Por ora, preciso interromper o e-mail, tenho aula daqui a algumas horas e já estou embriagado, não sei se por causa do cigarro ou das saudades suas, mas continuarei, assim que puder. Quero te escrever sobre como a potência da fabulação com aqueles estudantes acenaram para construção da identidade não por um pertencimento visceral, mas a partir da prática de habitar o lugar nomadicamente, “da negociação das trajetórias que se intersectam, lugar como uma arena onde a negociação nos é imposta” (MASSEY, 2008, p. 220).

Beijos,

Atenciosamente, um outro de mim.

Quinto e-mail, em um dia qualquer

Para: nomade@fabulacao.com

Assunto: ficção ou realidade?

Nômade, ainda sobre a experiência...

Hoje acordei cedinho e pensei logo em ti. Espero que o trabalho enviado nos últimos e-mails tenha te bulido e te situado diante da minha pesquisa. Naquele contexto escolar, a fabulação abriu brechas para um movimento de agenciamentos com operação da diferença para uma múltipla criação curricular e espacial, por meio de um tecer diverso, num plano de imanência que fabrica e é fabricado a partir de fabulações curriculares e espaciais.

Com papel vegetal sobrepostos às fotografias capturadas na encruzilhada traçada pelo vidro, os estudantes criaram fabulações (figuras 4) escutando e narrando os afetos que percorriam seus corpos, tentando escapar da “disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce [...]” (CERTEAU, 2014, p. 163). Uma fuga com força de criação que não se restringe entre verdadeiro ou falso, mas se interessa pelo que se pode extrair dessas construções de mundos que acontecem na potência do ser, na aposta habitar nomadicamente e intensificar a vida ali, onde ela acontece.



Segue as fabulações.

Figuras 5: Fabulações do Centro Histórico de Salvador

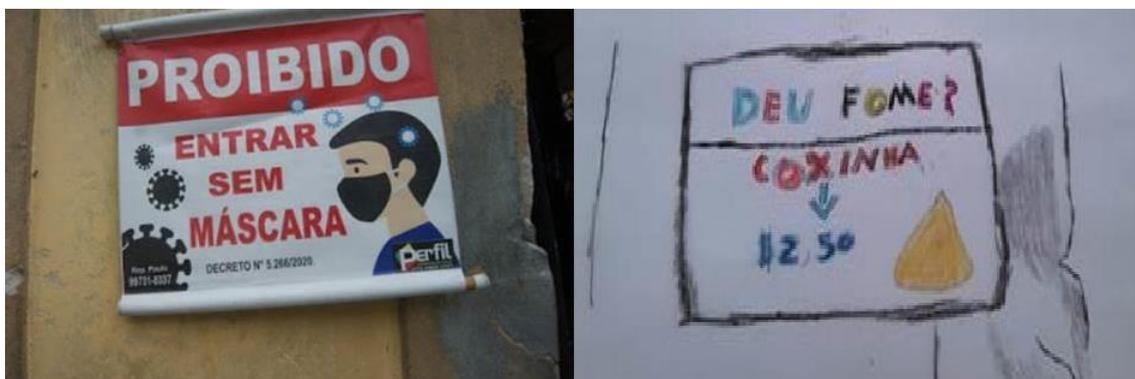
a) Mapeadora I - Rua de São Francisco, Centro Histórico, Salvador, BA.



b) Mapeadora II - Rua Ribeiro dos Santos, Centro Histórico, Salvador, BA.



c) Mapeador III - Praça da Sé, Centro Histórico, Salvador, BA.





d) Mapeador IV - Rua do Saldanha, Centro Histórico, Salvador, BA.



e) Mapeador V - Rua Alfredo de Brito, Centro Histórico, Salvador, BA.



f) Mapeador V - Baixa dos Sapateiros / Largo do Pelourinho, Centro Histórico, Salvador, BA.



g) Mapeador VI - Avenida José Joaquim Seabra, Salvador, BA.





h) Mapeador VI - Rua do Tabuão, Salvador, BA.



i) Mapeadora VII - Praça da Sé, Centro Histórico, Salvador, BA.



j) Mapeadora VIII - Rua do Bispo, Centro Histórico, Salvador, BA.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

A produção oportuniza destacar que a fabulação é memória do futuro. Nesses registros – tanto as fotografias, quanto às intervenções –, nota-se que as textualizações do lugar aqui escritas não correspondem a um passado como dimensão de arquivos que dá ao lugar uma história longa e internalizada. A função



fabuladora não nos dá a ver o passado em si, mas dá ao falso a potência que faz edições da memória e justamente por isso, ela (a memória) não é voltada para a conservação plena do passado, mas voltada para o futuro, para a criação de novas e potentes imagens sem as quais o presente não passa, em caráter de potência, de devir, sem a tentativa de determinação de uma forma de mimese.

Seguindo traços dessas fabulações, nota-se nesse encontro de trajetórias o lugar sendo produzido simultaneamente ao movimento de coexistência de diferentes histórias-até-então, nos rastros dos dizeres enquanto os mapeadores – estudantes – fabulavam, tais quais: *eu não tiraria as frases dos muros, mas gostaria que fossem mais coloridos* (Mapeadora I), *gosto dessa rua, só queria que as casas fossem mais pintadinhas como lá no largo* (Mapeadora II), *me sentiria mais pertencido se nessa placa estivesse escrito “vende-se coxinha por \$2,00”* (Mapeador III), *os meninos não deixam a gente bater o baba na rua de cima, por mim tiraria os carros e a gente jogava aqui* (Mapeador IV), *seria um lugar mais acolhedor se tivesse um lugar para cuidar dos pets* (Mapeador V) *já eu, acho, é que teria que ter um lugar para os moradores de rua* (Mapeador VI) *olha, tanto lugar fechado, podiam abrir uns comércios, vender comida barata de preferência. Ah! E uma academia, né?* (Mapeador VI).

Eis o lugar que, pelo desafio da negociação, forja espacialidades provisórias, em cotidiano escolar que possibilitou abertura de brechas para um movimento de agenciamentos com operação da fabulação para uma múltipla criação espacial. Currículos e o lugar fabulados imgeticamente criando *espaços-tempo* que disparam aprenderes, alargam processos de formação no acontecer de práticas e inauguram modos de existir outros. Sendo oportuno esclarecer, acenando para Massey (2000), que nada disso nega a importância da singularidade do lugar. Como já mencionado em e-mail anterior, a singularidade do lugar está sendo sempre reproduzida, mas a mesma não é resultante de uma história fixa e internalizada. A globalização não acarreta uma aldeia-global homogênea. Os lugares são espaços de uma multiplicidade distinta de relações sociais mais amplas com as mais locais. Sendo essas multiplicidades distintas produtoras de dinâmicas singulares, as quais são atravessadas pelas histórias até então e pelas imaginações espaciais – operadas aqui como fabulação.

Um fazer ver a realidade da ficção espacial, fazer ver que a sua potência falsificadora e a potência criadora de mundos. Aqui, a função fabuladora desestabiliza o modelo binário de verdade e a ruptura entre ficção e realidade. Aqui, tanto a fotografia quanto a fabulação dela, deixa de ser real ou fictícia, permitindo pensar a criação como experimentação que produz diferença no real e o abre às forças de variação.

Nesse fabular o lugar, entre o percorrer e narrar, as fabulações emergem implicando numa Geografia Escolar que inventa corpos a partir da cidade, e a cidade a partir dos corpos, desestabilizando ainda mais as tentativas homogeneizantes do currículo e espacialidade. Deslocando as ideias de Gilles Deleuze (2013),



considero a fabulação no campo da educação como uma forma de criação, um real que possibilita a composição de corpos outros no espaço, que fazem crer em modos de existência outros. Criação de um real minoritário, onde, em estado de devir⁷, os corpos foram afetados por alguma coisa e fizeram existir o real, onde a potência da fabulação é potência criadora de mundos. Com isso, não quero afirmar a verdade do falso, mas a realidade falsificadora de mundos habitáveis, para além do verdadeiro ou do falso.

EPÍLOGO

A partir das formulações nos e-mails, penso, concordando com Massey (2000), que esta é uma forma alternativa menor, dentre tantas outras, de traduzir o lugar, sendo o que dá a um lugar sua especificidade não é a memória de uma história longa, mas por se modular a partir de teceres singulares de relações sociais até- agora. Assim, os lugares são forjados por encontros, acontecimentos, e traduzi-los a partir da função fabuladora – que não se pode prescindir – abre a possibilidade de imaginá-los como momentos da política articulados em redes. Nessa leitura, as fabulações desta pesquisa constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir o Pelourinho, incluindo suas ligações com o mundo e sendo é em si um mundo.

Sem a pretensão de superação ou prescrição, defendo que outros sentidos de lugar em disputa, irreversivelmente, não podem ser abandonados. Quiçá sejam ressignificados, em função das demandas que se colocam no ensino de geografia e do jogo político contingente. E este trabalho, seja talvez, uma aposta fraca, de que com as traduções aqui expressas possamos defender a crença neste mundo, e pelas demandas da diferença o fabular.

Eis um fabular, que diferente das fábulas que terminam com moral da história a se seguir, aqui, sigo com uma linha de fuga, na aposta do seu eterno retorno no meu viver, no fervor das apropriações do lugar, nos contornos do urbanismo rachados de devir, no percorrer das ruas, entre dobras estruturais e atravessamentos de ordem menor. Uma criação, que pelas demandas da diferença, a cada repetição nômade, reterritorializa novos sentidos que produzem multiplicidade, que é potencializada em devires incontroláveis.

Quando partiu daqui em viagem para Ítaca, fiz votos para que seu caminho fosse longo, durasse muitos anos e que, já velho, ancorasse na ilha rico com tudo que ganhaste no caminho, sem esperar que Ítaca te desse riqueza. Chegastes em Ítaca? Ítaca tem te dado uma bela viagem? Sem ela não te porias a caminho. Nada mais tem a dar-te. Se um dia encontrares pobre, Ítaca não te enganou. Nômade assim como te tornaste, já

⁷ “Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação”. DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*, p. 13.



*deves ter compreendido o que significam as Ítacas...*⁸ Assim como compreendi o que são nômades... eu mesmo... um outro de mim.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**:1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- COSTA, Hugo Heleno Camilo. "SERÍAMOS A POLÍTICA QUE CRITICAMOS?": a interlocução do povo da Geografia na produção da BNCC. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 125–152, 2020.
- COSTA, Hugo Heleno Camilo. Contribuições geográficas ao debate curricular. **Revista Panorâmica online**, [S. l.], v. 28, n. 1, 2019.
- COSTA, Hugo Heleno Camilo. Pensar as políticas de currículo: impressões no debate sobre raciocínio geográfico. **Revista Signos Geográficos**, [S. l.], v. 3, p. 1–20, 2021.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. — São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. Pensamento nômade. In: DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta: e outros textos**. Org. da tradução: Luiz B. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 319-329.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles. **Cinema 2 – A imagem-tempo**. São Paulo. Editora 34. 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997, vol. 5.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DERRIDA, J. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- DOEL, Marcus. **Poststructuralist geographies**: the diabolic art of spati al science. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.
- LOPES, Alice Casimiro. Currículo, Política, Cultura. In: SANTOS, Lucíola; DALBEN, Angela; DINIZ, Julio; LEAL, Leiva (Org.). **Convergências e Tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 23-37.
- LOPES, Alice Casimiro; CUNHA, Erika Virgílio Rodrigues; COSTA, Hugo Heleno Camilo. Da recontextualização à tradução: investigando políticas de currículo. **Currículo sem Fronteiras**, [s.l.], v. 13, n. 3, p. 392-410, set./dez. 2013.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias do currículo**. São Paulo, Cortez, 2011.
- MACCHI, Jorge. **Buenos Aires Tour – Vista da Exposição**, 2003. Fonte: <https://www.jorgemacchi.com/es/obras/30/buenos-aires-tour>
- MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: v. 11, n. 32, p. 285-296, maio/ago., 2006.
- MARQUES, Vitor; CARVALHO, Maria Inez. Cartografia Profana: políticas-poéticas de currículo e espacialidade na geografia escolar. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], v. 26, n. 52, p. 82-112, 2022.
- MARQUES, Vitor; CARVALHO, Maria Inez. Jogo-Formação do Eterno Retorno. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [S. l.], v. 27, n. 61, p. 273–301, 2023.

⁸ Tradução outra de ÍTACA. Poemas de Konstantinos Kaváfis, São Paulo, Odysseus, 2006, p. 100-3.



MASSEY, D. A mente geográfica. **Revista GEOgraphia**, Niterói, v.19, n. 40, 36-40, 2017.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. -- Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 312p., 2008.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RODRIGUES, Phelipe Florez; COSTA, Hugo Heleno Camilo. Por um pensar a base Nacional Comum Curricular em uma Geografia pós-estrutural. **Revista Georaguaia**, [S. l.], v. 12, n. especial, p. 44–61, 2022.

SEEMANN, John. Estratégias pós-fenomenológicas para cartografar uma região: narrativas, mapeamentos e performance. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 65-78, 17 nov. 2012.

SERPA, Angelo. Lugar, paisagem e experiência / Place, landscape and experience. **Geograficidade**, v, 10, n. Especial, p.99-105, 2020.